



ACTAS

TOMO II

**Património: Estudos, Defesa e Valorização
Turismo e Desenvolvimento Regional**

30 de Novembro a 2 de Dezembro de 2017

CASA DAS ARTES

ARCOS DE VALDEVEZ



Ficha Técnica

Título:

**Actas do 5.º Congresso Internacional
Casa Nobre – Um património para o futuro**

Edição:

Município de Arcos de Valdevez

Data:

Novembro de 2020

ISBN:

978-972-9136-87-0

[Título: Actas do 5.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um Património para o Futuro
Arcos de Valdevez, 30 de Novembro a 2 de Dezembro de 2017]

[Autor: Vários]; [Co-autor(es):]; [Suporte: Eletrónico]; [Formato: PDF / PDF/A]

Património

Estudos, Defesa e Valorização



O PALÁCIO DA CASA DE AVEIRO EM AZEITÃO

JOÃO VIEIRA CALDAS
CITUA, IST, UL¹
jvieiracaldas@tecnico.ulisboa.pt

MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO
IHA, FCSH, NOVA²
mjpereiracoutinho@gmail.com

INTRODUÇÃO³

O chamado Palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão é, de entre as diversas habitações palacianas que a casa ducal possuía entre Setúbal e Lisboa, o único cuja aparência e volumetria remanescentes, apesar da degradação visível, ainda remetem para a grandeza e monumentalidade de outrora. Ainda se ergue, imponente, no rossio de Vila Nogueira, com as suas três grandes alas que conformam um largo U aberto a norte e delimitam o terreiro de acesso ao portal nobre. A disposição da tripla fachada interna segundo uma geometria e uma simetria rigorosas esconde a diversidade da extensão e organização dos três corpos principais.

Provavelmente resultante de sucessivas ampliações das casas de campo que o primeiro duque de Aveiro, D. João de Lencastre (1501-1571), possuía junto ao convento dominicano que já o seu pai, D. Jorge (1481-1550), duque de Coimbra, costumava usar como local de retiro, só terá atingido as dimensões e a expressão que hoje tem durante a primeira metade do século XVII. Na segunda década de Seiscentos, pelo menos, já teria desenvolvimento suficiente para ser considerada por Frei Nicolau de Oliveira uma das mais notáveis quintas dos arredores de Lisboa⁴.

Foi morada privilegiada e local de nascimento de vários representantes da Casa de Aveiro (que incluía os títulos de marquês e duque de Torres Novas) até à sua extinção em 1759. Foi palco de inúmeros acontecimentos e celebrações e recebeu diversos monarcas, como Filipe II (rei 1598-1621) e, por mais que uma vez, D. João V (rei 1706-1750). Depois de 1759 acolheu, entre outras funções, a de cárcere provisório de padres da Companhia de Jesus e, mais tarde, foi onde se instalou a primeira fábrica de chitas que existiu em Portugal. É ainda hoje propriedade particular.

¹ O autor do texto é investigador do CITUA do Instituto Superior Técnico.

² A autora do texto é investigadora do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Este trabalho foi realizado no âmbito do projecto de Pós-Doutoramento *Pórtico: Estruturas de pedraria em fachadas de igrejas do distrito de Lisboa do domínio Filipino ao Terramoto* (SFRH/BPD/85091/2012), apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e da Ciência.

³ O presente estudo não poderia ter sido concretizado sem a colaboração da família Parrela Soares, de Ana Rita Gonçalves, António Cunha Bento, António Osório de Castro †, Fátima Conde, Francisco Borba, Inês Gato de Pinho, Joaquim Moreira e José Carlos Pacheco Alves, a quem muito agradecemos.

⁴ OLIVEIRA, Frei Nicolau de – *Livro das grandezas de Lisboa*. Lisboa: Vega, 1991, p. 529.



O palácio, muito referido pela historiografia da arte portuguesa, foi objecto da atenção de Manuel Maria Portela em *Notícia dos monumentos nacionais e edifícios e lugares notáveis do concelho de Setúbal* (1882)⁵ e de Joaquim Rasteiro na respectiva entrada do *Guia de Portugal* (1924)⁶. Carlos de Azevedo, por sua vez, numa abordagem mais centrada no tipo de edifício, refere o palácio na obra *Solares Portugueses* (1969)⁷, palácio que volta a ser mencionado por Helder Carita em *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal* (1983)⁸ e em *A Casa Senhorial em Portugal: modelos, tipologias, programas interiores e equipamento* (2015)⁹ e, ainda no século passado, no artigo do Padre Manuel Frango de Sousa (1981)¹⁰, no de José Cortez Pimentel (1984)¹¹, na reportagem fotográfica de Gustavo Almeida Ribeiro (1990)¹², novamente por José Cortez Pimentel na obra *Arrábida, História de uma região privilegiada* (1992)¹³, por Flávio Lopes em *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado* (1993)¹⁴ e por Margarida Calado em *Azeitão* (1993)¹⁵. Já no presente século foi também objecto de exercício arquitectónico de duas teses de mestrado no âmbito da reabilitação patrimonial, da autoria de Sofia Alexandra Pereira Esteves (2013)¹⁶ e de Ana Margarida Ribeiro Fernandes (2013)¹⁷, entre outros autores de nomeada que a ele se reportaram, e foi também alvo das asserções de Amílcar de Gil e Pires em torno da vilegiatura e das quintas de recreio de cariz renascentista (2013 e 2016)¹⁸. A propósito do cenóbio dominico com o qual comunicava o palácio é referido no artigo de Isabel Sousa de Macedo, (2016)¹⁹. Por último, no que a referências digitais concerne, importa mencionar o texto do blog www.azeitao.net²⁰ e as fichas de inventário da DGPC²¹ e SIPA-IHRU²².

Apesar da extensa bibliografia que lhe faz referência, o conjunto edificado e a antiga quinta dos Duques de Aveiro em Azeitão continuam a carecer não só de um estudo monográfico de fundo como de estudos parcelares: a) que esclareçam a sua intrincada e praticamente desconhecida cronologia; b) que se

⁵ PORTELA, Manuel Maria – *Notícia dos monumentos nacionais e edifícios e lugares notáveis do concelho de Setúbal*. Lisboa: Typographia de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, p. 21.

⁶ RASTEIRO, Joaquim – “Vila Nogueira [de Azeitão]”, in *Guia de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924, pp. 641-642.

⁷ AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969, p. 61.

⁸ CARITA, Helder – *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*. Porto: Civilização Editores, 1983, p. 88.

⁹ CARITA, Helder – *A Casa Senhorial em Portugal: modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Edições Leya, 2015, pp. 159-160.

¹⁰ SOUSA, Padre Manuel Frango de – “O palácio dos Duques de Aveiro”, in *Azeitão. A nossa terra*, n.º 10, de 30 de Dezembro de 1981; publ. por *Azeitão. A nossa terra* (compilação de textos). Azeitão: Jornal de Azeitão, 2013, pp. 35 e 36.

¹¹ PIMENTEL, José Cortez – “O Palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão. A primeira construção renascentista pura em Portugal”, in *Jornal Azeitonense*, n.º 7, Maio de 1984.

¹² RIBEIRO, Gustavo Almeida – “Em Azeitão: O palácio dos Duques de Aveiro”, in *Casa & Jardim*, n.º 148, 1990, pp. 68-77.

¹³ PIMENTEL, José Cortez – *Arrábida, História de uma região privilegiada*. Setúbal: Edições Inapa, 1992, pp. 37-42.

¹⁴ LOPES, Flávio – *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado*, IPPAR, Vol. III. Lisboa: IPPAR, 1993, p. 32 (Setúbal).

¹⁵ CALADO, Margarida – *Azeitão*. Lisboa: Editorial Presença, 1993, pp. 38-42.

¹⁶ ESTEVES, Sofia Alexandra Pereira – *O Palácio dos Duques de Aveiro: Vila Nogueira de Azeitão*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à Universidade Lusófona, Lisboa, [s.n.], 2013.

¹⁷ FERNANDES, Ana Margarida Ribeiro – *Projectar com o lugar: reabilitação no Palácio dos Duques de Aveiro*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Lisboa, [s.n.], 2013.

¹⁸ PIRES, Amílcar de Gil e – “A quinta de recreio em Portugal – Vilegiatura, Lugar e Arquitectura”. Lisboa: Caleidoscópio, 2013 e PIRES, Amílcar de Gil e – “A Villa renascentista em Portugal – valorização ou destruição?”, in *A Villa renascentista em Portugal. Arquitectura, Jardins e Paisagem*. Lisboa, Caleidoscópio, 2016, pp. 29-52.

¹⁹ MACEDO, Isabel Sousa de – “Património Esquecido: O Convento de Nossa Senhora da Piedade em Azeitão”, in AA.VV., *Casas Religiosas de Setúbal e Azeitão*. Setúbal: Estuário História / LASA, 2016, pp. 33-54.

²⁰ “Palácio dos Duques de Aveiro – Azeitão”. Blog consultado em <http://www.azeitao.net/quintas/palacio.htm>, a 09.11.2017.

²¹ “Palácio dos Duques de Aveiro”. Ficha da Direcção-Geral do Património Cultural, consultada em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74294/>, a 09.11.2017.

²² “Palácio dos Duques de Aveiro”. Ficha de inventário SIPA, IPA.00003429, consultada em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3429, a 09.11.2017.

dediquem à história da envolvente paisagística do núcleo construído (jardins, pomares, horta, mata, etc.); c) que investiguem não só as especificidades da sua organização espacial, como ponham em perspectiva a decoração que sabemos ter sido escolhida para os seus espaços, a saber, os azulejos, os estuques, a pintura decorativa e a obra de marcenaria. A investigação que nos propomos apresentar pretende, justamente, desenvolver novo conhecimento no âmbito da alínea c).

Apesar de os seus bens móveis terem sido sequestrados pela Coroa, como testemunha a documentação transcrita e publicada por Luiz de Bivar Guerra em *Inventário e sequestro da Casa de Aveiro em 1759* (1952-54)²³, importa agora ensaiar uma reconstituição da distribuição espacial e relacionar aspectos decorativos remanescentes com a função de cada dependência. Salas como a da Neve ou a dos Tudescos (tipo de espaço que sabemos só ter existido no Paço da Ribeira ou em Vila Viçosa), são exemplos a apresentar e analisar neste estudo.

BREVE HISTÓRIA DO EDIFÍCIO

Tal como vários dos autores anteriormente referidos mencionaram, as primeiras referências ao palácio dos duques de Aveiro estão ligadas a um conjunto de aforamentos de várias parcelas de terreno, datadas de c. 1521 e 1537, junto ao convento dominico de Nossa Senhora da Piedade, tendo uma delas sido adquirida para a construção de uma casa de campo de D. Jorge de Lencastre (1481-1550) duque de Coimbra e mestre da Ordem de Santiago²⁴. Esse dado adquire maior autenticidade nas palavras de João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897), que nos informa que antes de 1550 “*Os duques de Coimbra D. Jorge e D. Brites parece haverem habitado o palacio, ou n’alguma parte d’elle, que para si fizesem (sic) preparar. Seu filho D. João, duque de Aveiro, asentou aqui residencia feya e demorada. O primogenito d’esto D. Jorge residiu por tempos no palacio e a sua viuva aqui se achava por 1579 nas ocasiões, em que o duque de Osuna, seu irmão, veio fallar-lhe do casamento de D. Pedro Giron com sua prima D. Juliana de Lencastre.*” (Transcrição nossa)²⁵. Essa informação, também explorada pelos cronistas da Ordem dos Pregadores, é ampliada pelos dominicanos, revelando mesmo que a construção dessa habitação competia com as melhores de Espanha²⁶. Todavia, é o registo baptismal de Joana, filha de Francisco de Araújo e de Antónia Dias, datado de 23 de Abril de 1590, cujo sacramento foi ministrado por Gaspar Fernandes “*Cappellão do Duque*”, que nos confirmam documentalmente a permanência de elementos da família em Azeitão²⁷,

²³ GUERRA, Luiz de Bivar – *Inventário e sequestro da Casa de Aveiro em 1759*. Lisboa: Tribunal de Contas, 1952-1954.

²⁴ PIMENTEL, José Cortez – *Arrábida. História de uma região privilegiada*, op. cit., pp. 37-42.

²⁵ Arquivo Distrital de Setúbal, *Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, Azeitão – O Paço dos Aveiros em suas relações com a história*, PT/ADSTB/PSS/JPAR/000001, fl. 44.

²⁶ Cf. SOUSA, Fr. Luis de; CACEGAS, Fr. Luis – *Segunda Parte da Historia de S. Domingos*, Livro Quarto, Cap. IV. Lisboa: Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767, pp. 274-275: “(...) o Mestre de Sanctiago Duque de Coimbra [Jorge de Lencastre (Abrantes, 11 de Novembro de 1481 – Setúbal, 22 de Julho de 1550)], que sendo senhor da serra, e Comarca de Azeitão, com singelleza, e affabilidade Real vinha muitas vezes buscar o gazalhado de huma cela entre os Frandes: a qual imitando seu filho o Duque Dom João, e os mais sucessores, pera sere, vezinhos mais continuos, e menos pesados, pedirão terra pera fazerem humas casas de Campo. (...) Assi não se concedera a outrem o que elles ouverão, que foy com pequeno reconhecimento de foro, largo sitio pera casas, jardim, pumares, e bosques; e até pera hum fermoso Pinhal (...). E porque tudo isto sem agoa era como perdido, partirão os Frades com elles as suas fontes, e tudo foy pouco em comparação do gosto com que se deu, e com que souberão estimar tão honrados foreiros. Começou a fabrica em casa de Campo: e hoje he Palacio, que póde competir com os melhores de Espanha, cujo mayor lustre, como fica arrimado ao Convento, he o mesmo Convento, e huma Tribuna sobre a Igreja, defronte do Altar mór, de que o Prelado he seu porteiro, e lha manda abrir todas as vezes, que querem gozar da Igreja, e officios Divinos, como em Oratorio proprio”.

²⁷ ADS, Registos Paroquiais de Azeitão, S. Lourenço, Baptismos, L.º 1589-1604.

a que se seguem os registos baptismo dos dezasseis filhos de D. Álvaro (1540-1626) e de D. Juliana de Lencastre (1560-1636) na mesma vila²⁸.

De acordo com João Baptista Lavanha (c. 1550-1624), foi neste palácio que em 1619 se hospedou Filipe II (1578-1621)²⁹, assim como o futuro rei D. Pedro II (1648-1706) em 1668, segundo Fr. Cláudio da Conceição³⁰. Também D. João V, em 1712, foi aconselhado por médicos “a gozar do benefício do ar livre”, deslocando-se para o efeito a Azeitão, onde terá ficado algum tempo. Apesar de não ser explícita a estadia na casa dos duques de Aveiro, sabe-se que na tarde do dia em que chegou a Vila Nogueira foi visitar a igreja dos padres da ordem de São Domingos, contigua ao palácio³¹. Na mesma data, o Padre António Carvalho da Costa menciona o palácio a propósito da descrição dessa área geográfica: “No meio destas Aldeas está hum soberbo Palacio com magestosa entrada, & huma grande cerca com quatro ruas muy compridas, todas povoadas de arvores silvestres, boas vinhas, & pomares de todo o genero de frutas, excellentes abrunhos, & muytas frutas de espinho, com muytas fontes nativas de boas, & delgadas agoas. Neste Palacio vivião os Duques de Aveyro, & era a sua corte; nelles reside hoje o seu Ouvidor, & mais Officaes da Correyção, & Justiças da terra”³².

Na sequência do megassismo de 1755, compreende-se que uma parte do edificio ficou arruinado, tendo sido dadas instruções no ano seguinte, na sequência de um pedido dos moradores da rua dos Sapateiros de Azeitão, para poderem demolir, à sua custa, a chaminé dos Paços de Azeitão por ameaçar ruína³³. A mesma fonte documental dá-nos ainda conta que a 28 de Julho de 1757 é emitido um Alvará, pelo qual se faz mercê a Pedro da Silva, na qualidade de Mestre Pedreiro das Obras dos Paços da Casa de Aveiro de Azeitão e de Setúbal³⁴, assim como a 3 de Agosto de 1757, pelo qual se faz mercê a António Machado, na qualidade de Mestre Carpinteiro das Obras dos mesmos Paços da Casa de Aveiro³⁵.

²⁸ D. Isabel de Lencastre (bapt. a 30 de Julho de 1590); D. Violante de Lencastre (bapt. a 6 de Março de 1593); D. Jorge (bapt. a 13 de Abril de 1594); D. Inês de Lencastre (bapt. a 19 de Maio de 1596); D. Afonso de Lencastre (bapt. a 18 de Junho de 1597); D. João de Lencastre (bapt. a 8 de Janeiro de 1598); D. Madalena de Lencastre (bapt. a ?); D. Luísa de Lencastre (bapt. a ? de 1600); D. Manuel de Lencastre (bapt. a 6 de Agosto de 1601); D. Maria de Lencastre (bapt. a ?); D. Violante de Lencastre (bapt. a 9 de Março de 1604); D. Mariana de Lencastre (bapt. a 17 de Outubro de 1606); D. Pedro de Lencastre (bapt. a 20 de Abril de 1608); D. Luís Barnabé de Lencastre (bapt. a 17 de Outubro de 1609); D. António (bapt. a 4 de Agosto 1611) e D. Brites (bapt. a ? de 1613). Quase todos os baptismos são referidos por SOUSA, D. António Caetano de – *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, Tomo XI. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, 1745 e por CANEDO, Fernando de Castro da Silva – *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*, Vol. I. Lisboa: Edições Gama Limitada, 1945, mas alguns só são documentalmentemente publicados por MATA, Cristóvão da – “Disciplina familiar e estratégias matrimoniais da Casa de Aveiro (séculos XVI e XVII)”, in *Revista Portuguesa de História*, n.º 47, 2016, pp. 175-194.

²⁹ LAVANHA, João Baptista – *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II N.S. ao Reyno de Portvgal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez S. Magestade a mandou*. Madrid: Thomas Iunti, 1622, p. 73 v.º: “Partiu pois sua Magestade, & Alt. de Lisboa dia de S. Miguel 29 de Setembro de a tarde (memoravel dia) embarcado na Real, & chegarão a Couna ja de noute onde dormirão; ao outro dia forão comer a Azeitão legoa & meia de Couna, em huã casa de prazer que nelle tem o Duque de Aveiro; he a casa grande de quartos & galarias, lavradas pelo mesmo Duque cõ grã policia, rodeada de apraziveis jardís, & graciosas fontes, a vista em estremo alegre, & agradavel, porque he a de Lisboa (que lhe fica defronte) do seu porto, & do Rio de Couna, por cima de oulivaes, & vinhas, & de hua charneca sempre verde. Hospedou o Duq a sua Mag. com muita grandeza, & magnificencia que se estendeo a presentes feitos a sua Mag. Alt. & às Damas.”

³⁰ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio – *Gabinete Historico*, Tomo IX. Lisboa: Imprensa Nacional, 1823, p. 367: “(...) o Infante D. Pedro, que então governava este Reino por seu irmão El Rei D. Affonso, o mandou chamar [D. Pedro de Lencastre] aos Paços de Azeitão, onde então vivia, e lhe fez mercê do Ducado (...)”.

³¹ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da, *op. cit.*, Tomo VI, 1820, pp. 25 -30.

³² COSTA, António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, Tomo III. Lisboa: Na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso, 1712, p. 299.

³³ Biblioteca da Ajuda, 54-XI-45, n.º 8, fls. 21v.º-22.

³⁴ Idem, ibidem, fls. 38v.º-39.

³⁵ Idem, ibidem, fls. 38v.º-39.

As memórias paroquiais coligidas a seguir ao sobredito terramoto, editadas em 1758, corroboram somente que a propriedade era pertença dos Duques de Aveiro³⁶.

Em 1759, aquando da extinção do título, o edifício passa para a posse da Fazenda Nacional, sendo gerido pelo Almojarifado de Sesimbra, compondo-se por “Dez moradas de Cazas que andão arrendadas junto aos Paços de Azeitão”, Paços esses constituídos por oratório; as escadas de pedra “ornadas com dez estatuas de mármore (duas pequenas cada uma a cavallo em sua corça)”; a 1.^a Sala; a 2.^a Sala, grande, onde o Duque recebia; o quarto do marquês de Gouveia; 3.^a, 4.^a e 5.^a Salas; o quarto de dormir do Duque; casa de jantar; “caza das de aguas furtadas”. Sobre a espoliação dos bens refere-se ainda que “Ficarão huas estatuas de que o constituido pello d.^o min.^o não quiz tomar entrega pella dificult.^e da condução”³⁷.

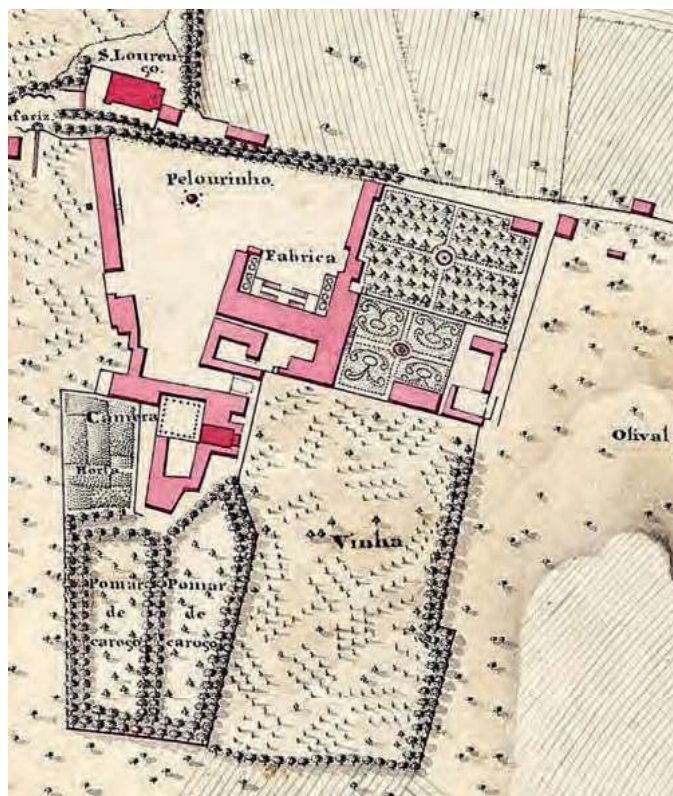


Fig. 1 – Implantação do edificado em “Planta da Carta que contém as aldeas de Azeitão III, por Maximiano Jozé da Serra”. GEAEM/DIE, 3104_III-2A-25-35.

Entre 1775 e 1847, foi fábrica de tecidos de algodão e estamparia de chitas de José de Magalhães e Estêvão Larche, tendo recebido confirmação régia em Alvará de 5 de Agosto de 1775. Após um período de declínio, conheceu novamente um período de auge nas mãos de Raimundo Pinto de Carvalho, tendo,

³⁶ ANTT, *Memórias Paroquias de Azeitão, Sesimbra*, vol. 5, n.º 68.

³⁷ Documentos Relativos ao Sequestro em Azeitão e as diligências que ali se fizeram (Arquivo Histórico do Tribunal de Contas, *Junta da Inconfidência*, doc. 293/18 do mc. 90; publ. por GUERRA, Luiz de Bivar, *op. cit.*, pp. 329-347).

após várias injeções de capital por parte da Real Junta do Comércio, passado para os irmãos Mirandas³⁸. Durante a ocupação de Raimundo Pinto de Carvalho, o palácio ficou reservado à estampanaria, tinturaria e outros mesteres e a Sala dos Tudescos recebeu duas grandes calandras, movidas por rodas, dentro das quais andavam homens para lhes darem movimento³⁹.

Já em 1772 esteve arrendado a Matias Pereira Heitor de Macedo⁴⁰ e em 1824, quando D. João VI realiza uma visita a Azeitão, é preparada uma grandiosa recepção no local, por parte da família Miranda⁴¹.

Após 1853⁴², o historiador local Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro (1834-1898), redige um manuscrito com 686 fólios, que se divide em duas partes (I Parte – “Azeitão – O paço dos Aveiros e suas relações com a história” e II Parte – “A custódia dos jesuítas no palácio”). Esse manuscrito, que se encontra no Arquivo Distrital de Setúbal, após ter sido adquirido pela Assembleia Distrital de Setúbal a J. A. Telles da Sylva, em 26 de outubro de 1978, e que actualmente se pode aceder online em <http://digitarq.adstb.arquivos.pt/details?id=1451242>, tem vindo a ser sucessivamente utilizado por José Cortez Pimentel⁴³, por Ana Margarida Ribeiro Fernandes⁴⁴, por Sofia Alexandra Pereira Esteves⁴⁵ e pelo autor do blog “Palácio dos Duques de Aveiro – Azeitão”⁴⁶, sem nunca o mencionarem explicitamente. Esse autor, que não só percorreu o espaço em apreço, como realizou um conjunto de desenhos com esquemas decorativos, na sua maioria relativos à azulejaria que decorava os espaços nessa data, e que infelizmente hoje se encontram desaparecidos, informa que, entre outros dados significativos, “À excepção da ala oeste, que resta habitada por rendeiros, sendo o actual o P. Eduardo Montefar Barreiros, e aonde tem descansado e almoçado o patusco infante D. Afonso [possivelmente D. Afonso de Bragança (1865-1920), Duque do Porto], quando por aqui passa nas suas digressões velocopedicas, tudo mais está ao descalabro.”⁴⁷

No ano de 1867 é registado com o n.º 254 na Conservatória do Registo Predial de Setúbal. A sua descrição consta de “*um prédio urbano que se compoe d’un palacio com muitas accommodações com plano baixo e primeiro andar, e uma quinta pegada com pomar de espinho e caroço, vinha e terras para horta e uma casa.*”

É situado no Rocio de Vila Nogueira, freguesia de São Lourenço, confronta do norte com o Rocio e entrada para Setúbal, do Sul com casas de Dona Carlota Ricarda de Miranda e vinha de Joaquim Pedro Rasteiro, do Nascente com a entrada da rua e casas de José Maria da Fonseca, do Poente com o Rocio e casas de Dona Carlota Ricarda.

É predio livre e allodial nao paga fôro censo de pensao a pessoa alguma, tem tres minas d’agua na serra do painel, duas ao nascente e uma ao sul.

*Foi dono anterior a transmissão para o actual possuidor Francisco José de Miranda, casado, morador em Villa Nogueira, freguesia de São Lourenço, que possuiu o predio por titulo de herança.”*⁴⁸.

³⁸ NEVES, José Accursio das – *Noções históricas, económicas, e administrativas sobre a produção, e manufactura das Sedas em Portugal, e particularmente sobre a real fábrica do suburbio do Rato, e suas annexas*. Lisboa: Na Impressão Régia, 1827, pp. 131-132.

³⁹ ADS, *Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, op. cit.*, fl. 36 F.

⁴⁰ Idem, ibidem, fl. 36A.

⁴¹ Idem, ibidem, fl. 36B.

⁴² Deverá ter sido redigido após esse ano, pois menciona a obra de GUILMARD, Désiré – *La Connaissance des styles de l’ornementation. Histoire de l’ornement et des arts qui s’y rattachent depuis l’ère chrétienne jusqu’à nos jours*. Paris: D. Guilmard, 1853.

⁴³ PIMENTEL, José Cortez – *Arrábida. História de uma região privilegiada, op. cit.*, pp. 37-42.

⁴⁴ FERNANDES, Ana Margarida Ribeiro, *op. cit.*, pp. 75-77.

⁴⁵ ESTEVES, Sofia Alexandra Pereira, *op. cit.*

⁴⁶ “Palácio dos Duques de Aveiro – Azeitão”, *op. cit.*

⁴⁷ ADS, *Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, op. cit.*, fl. 36 G.

⁴⁸ CRPS, *Registo de Descrições Prediaes*, livro B4, n.º 254, fl. 138v.º.

Em 1883, o palácio é alvo de um artigo na revista *Occidente*, que foi acompanhado por uma gravura da autoria do pintor João Vaz (1859-1931)⁴⁹. Por último, tendo acolhido o Instituto do Vinho e da Vinha, foi adquirido por particulares que, em 1944, encomendam um projecto de alterações ao arquitecto António Lino (1909-1961)⁵⁰.



Fig. 2 – “Palácio dos Duques de Aveiro, em Azeitão”, por João Vaz, in *Occidente*, n.º 176, 11-11-1883, p. 251.



Fig. 3 – Postal com terreiro em frente ao palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão. Início do século XX.

⁴⁹ *Occidente*, n.º 176, 11-11-1883, p. 251.

⁵⁰ AMS, *Processos de obras particulares*, NDef/1104/60.

O ESPAÇO E AS ARTES DECORATIVAS

A fachada, composta por sessenta janelas, mezaninos e portas que abrem sobre o terreiro, vive sobretudo das escadas, em “dupla rampa”, que, segundo Joaquim Rasteiro, eram ao modo italiano, de acordo com uma fonte consultada: *Connaissance Des Styles [de L’Ornementation]*⁵¹. Os panos murários, fragmentados por pilastras de aparelho rusticado, vinculado ao serlianismo, não só imprimiram um cunho erudito, como dinamizaram a leitura monótona do conjunto. Para além destes elementos, destaca-se no alçado principal o seu portal, ladeado por colunas dóricas e encimado por cornija com duas urnas (que Rasteiro menciona como dois pináculos piramidais), onde se encontrava uma pedra de armas da casa de Aveiro⁵², picada em 1759 no decurso do sequestro de bens. Saliente-se também um conjunto de dez estátuas de mármore distribuídas ao longo da escada, cuja iconografia desconhecemos, mas que sabemos montarem corças, tal como é mencionado no rol desse sequestro⁵³. Os bustos, que sabemos terem estado nos tímpanos das janelas com frontões triangulares, coadjuvam a ideia de uma aparência mais cenográfica, que o edifício parece ter tido⁵⁴. Não sendo inédita esta solução, recordamos pois a analogia com a solução escultórica das escadas da Casa do Lago do Palácio dos marqueses de Fonteira, ou, se bem que mais tardia, com a das escadas da quinta dos condes de Mesquitela (Carnide).

Quanto aos interiores, e novamente recorrendo à descrição de Joaquim Rasteiro, importa mencionar que o autor destaca primeiramente, de forma mais abrangente, a variedade de tectos e de revestimentos azulejares disponíveis nos vários espaços que observou. Relata, no que à variedade de opções decorativas se refere, que: *“Ha o tecto chato com grandes apainelados; ha o elevado, á perna, como se diz em carpinteria, tambem em grandes paineis quadrangulares, ou triangulares almofadados com molduras; duas salas seguidas á de baile e que dão sobre a varanda do jardim, teem tectos em soffito com caixotões e pendentes no cruzamento dos moldurados de bello effeito e a que a pintura decorativa daria maior realce.*

No azulejamento encontravam-se bellos azulejos de superficie lisa, desenho variado, bellas côres e aprimorado gosto: ha o azulejo branco formando com quadrilongos azues ou verdes a grade ou rede indicativo de tempos mais atrasados; em volta da grande varanda cuberta que dá sobre o jardim até se empregou o tijolo emoldurado em azulejo quadrilongo” (Transcrição nossa)⁵⁵.

Quando particularizou espaços, como a sala da entrada, denominada dos Tudescos, cuja singularidade nos remete para aquelas do Ducado de Bragança⁵⁶, Rasteiro mencionou que este espaço tinha uma porta sobrepujada por *“postigo com uma larga abertura por cima, com uma balaustrada”* (Transcrição nossa)⁵⁷. No entanto, não refere a importância que as guarnições semicirculares das portas de feição

⁵¹ GUILMARD, Désiré, *op. cit.*.

⁵² Escudo de prata, cinco escudetes de azul postos em cruz, cada um deles carregado de cinco besantes do campo, dispostos em aspa; bordadura de vermelho, carregada de sete castelos de ouro abertos de vermelho, e um filete de negro posto em contrabanda e atravessante sobre tudo. Timbre: um pelicano ferido de vermelho, no seu ninho, alimentando os filhos.

⁵³ Documentos Relativos ao Sequestro em Azeitão e as diligências que ali se fizeram (AHTC, *Junta da Inconfidência*, Doc. 293/18 do Mç. 90; publ. por GUERRA, Luiz de Bivar, *op. cit.*, pp. 329-347).

⁵⁴ ADS, *Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, op. cit.*, fl. 31.

⁵⁵ *Idem*, *ibidem*, fl. 27.

⁵⁶ Sobre a Sala dos Tudescos do Paço da Ribeira, Pedro Cardim refere que era nesse espaço que se realizavam as Cortes, tendo possivelmente tido lugar as de 1619, convocadas por Filipe II, as de 1641, 1642, 1645 e 1653 por D. João IV, de 1667 por D. Afonso VI e em 1673, 1679 e 1698 por D. Pedro II. O mesmo investigador publica algumas plantas com a organização espacial dessas celebrações; cf. publ. CARDIM, Pedro – “O subtexto do cerimonial. A dimensão simbólica da solenidade cortesã no Portugal do século XVII”, in *Struggle for Synthesis. A obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*, Vol. II. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1999, pp. 345-368.

⁵⁷ ADS, *Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, op. cit.*, fl. 33.



Fig. 4 – Planta do piso principal do edifício, tendo por base informações constante em AMS, *Processos de obras particulares*, NDef/1104/60 em levantamento dos autores. Ana Rita Gonçalves.

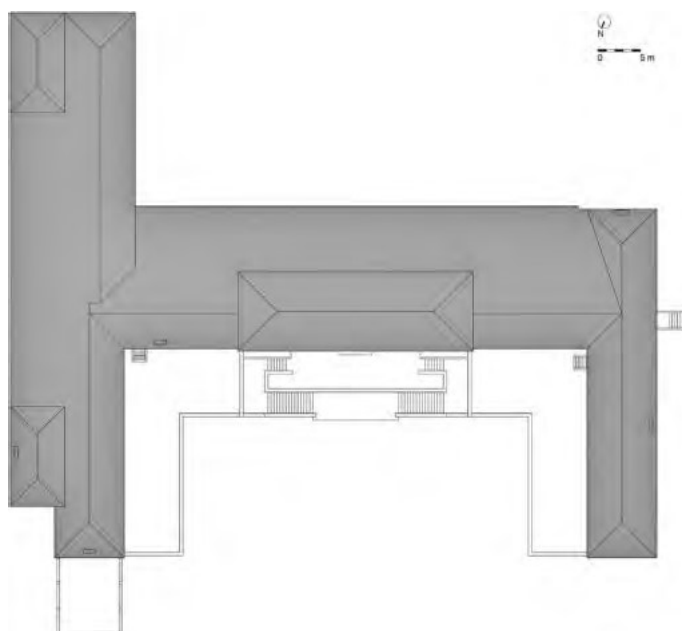


Fig. 5 – Planta da cobertura do edifício, tendo por base informações constante em AMS, *Processos de obras particulares*, NDef/1104/60 em levantamento dos autores. Ana Rita Gonçalves.

Quanto ao acervo móvel, designado no inventário como 1.^a Sala, e não nos esquecendo da advertência feita por Bivar Guerra a propósito do despojamento de bens móveis aquando do inventário de bens após a prisão de D. José de Mascarenhas e Lencastre (1708-1759), 8.º e último Duque de Aveiro, não podemos deixar de aludir ao facto de possuir uma mesa de grandes dimensões, de pau-brasil com embutidos, bancos de pinho pintados de tons escuros, luminárias de folha de flandres, com decoração de coroas e painéis de papel com retratos de pontífices e de monarcas europeus⁶³.

Acerca da Sala de Baile, o já referido autor destaca o facto desta ser particularmente comprida, fornecendo as suas medidas (28,50x6,30 metros), mas também detalhes sobre a sua decoração. O tecto, com cimalha particularmente adornada com pintura de óvulos e denticulos, era “de berço” (possivelmente em forma de barrete de clérigo) e era estucado com largos arabescos. As superfícies murárias dessa sala possuíam várias molduras de brecha da Arrábida, distribuídas, a contar com portas e janelas, em 16 vãos. Os mesmos panos de parede eram ainda revestidos por azulejos até cerca de 1,30m, com ornamentos brancos sobre fundo azul, com “*desenho medido mas caprichoso, grinaldas e umas figuras de phantasia*” (Transcrição nossa)⁶⁴. Aqueles que hoje se encontram na ampla varanda. Os vários painéis, estruturados por atlantes e cariátides que separam largas composições, apresentam variações com figuras que sustentam cestos de flores e frutos, e onde vasos floridos, festões e *spagnolettes* preenchem a superfície. Um deles, identitário da Casa de Aveiro, ainda hoje exhibe o seu brasão de armas, em cartela circular, e faz recordar a mesma presença das armas da Casa de Bragança no conjunto encomendado por D. Teodósio I (1505-1563), 5.º Duque de Bragança, para o Paço Ducal de Vila Viçosa, assim como a solução de cartelas, de idêntica morfologia, que fazem parte do mesmo revestimento⁶⁵. É também de assinalar a presença do emblema dos Lencastre (o pelicano a alimentar os filhos), num dos painéis, colocado como timbre, a encimar uma composição com cartela de feição maneirista.

O seu recheio aquando da espoliação de bens da família era inesperadamente constituído por sete panos de rás, todos da mesma fábrica, com temática religiosa e profana, não existindo qualquer peça de mobiliário⁶⁶.

Já a varanda era comum em várias casas da família, flanqueada por dois torreões como na de Belém⁶⁷, na da Esperança⁶⁸, na de Setúbal e nas que os Aveiro possuíam no Campo das Cebolas⁶⁹, tinha

⁶³ GUERRA, Luiz de Bivar, *op. cit.*, p. 342.

⁶⁴ ADS, Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, *op. cit.*, fls. 32 e 36 C.

⁶⁵ Da Flandres. Os azulejos encomendados por D. Teodósio I, 5.º Duque de Bragança (c. 1510-1563). Lisboa / Vila Viçosa: MNAZ, Fundação da Casa de Bragança, 2012.

⁶⁶ Os panos são descritos por apresentarem os *Doutores da Igreja*, o *Triunfo da Igreja contra a Heresia*, *Amalteia com uma cornucópia lançando frutos*, *Nossa Senhora* e os *Evangelistas* entre outros temas.

⁶⁷ De que se conhece o seguinte instrumento documental: Arquivo Municipal de Lisboa, *Livros de Cordeamentos*, L.º de 1614-1618, fls. 16-17: Cordeamento de 19 de Dezembro de 1614 de D. Fernão Martins Mascarenhas para as casas (da banda o Mar) que quer construir em Belém.

⁶⁸ Particularmente documentados por Maria Helena Barreiros em “AVEIRO (Palácio dos Duques de)”, in SANTANA, Francisco; SUCENA, Francisco (dir.) – *Dicionário da história de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994, pp. 117-118.

⁶⁹ A 4 de Dezembro de 1766 é chamado Manuel António, mestre pedreiro, e João Pereira, mestre carpinteiro, ambos Mestres de Obras da Cidade, para fazerem o auto do sequestro do de duas moradas de casas (uma da Casa de Aveiro e outra dos condes de Coculim,) referindo que “(...) as Cazas cittyas de Fronte do Campo das Sabollas que ficão por bacho do jardim do Palacio que Foy do dito Duque sequestrado as coais sam do morgado que hoje se acha julgado o Marques do Lauradio para hifeito de vremos (sic) e avaliarmos (...) cuyas Bemfeitorias se dis Fizerão as primeiras duas porpiadades (sic), que Ficão para a parte do puente Vericimo de Moura Telles e sua Molher D.ª Theresa Maria de Jezus que habita nellas e paga de renda cada hum anno duzenttos nouenta e seis reis (...) E vendo as ditas duas porpiadades (sic) achamos comporem se huma com tres pauimentos de sobrados com tres cazas cada pauimento e com suas varandas na Frontaria e por Bacho tem huma logea: e porta da escada separada E a segunda porpiadade (sic) tem dois pauimentos, de

dez colunas de lioz, e estava estreitamente ligada à referida Sala de Baile e, como foi acima referido, tinha “*tijolo emmoldurado em azulejo quadrilongo*” (Transcrição nossa)⁷⁰.

Outro dos espaços sobre o qual se dão algumas novidades é a chamada Sala da Neve, que se localizava por baixo da Sala de Baile e possuía seis colunas de mármore. Era um local de fruição, pois numa das suas paredes tinha “*uma fontinha, ou pequena cascata, revestida de embrechados de pedrinhas, conchas e pedaços de porcellana*” (Transcrição nossa)⁷¹. As restantes paredes tinham na data da redação do manuscrito em apreço vestígios de pintura decorativa, simulando uma latada (parreiral). O espaço, claramente de articulação de áreas por fazer a transição, através de uma escada, com o jardim, era, na lógica oitocentista de Rasteiro, o que o autor considerava que poderia ser uma Sala de Fumar⁷². Não muito longe deste lugar, na parede exterior que dava para o pomar, segundo a informação do Padre Manuel Frango de Sousa, estavam quatro painéis com alegorias às Quatro Estações, que foram deslocadas para a ala ocidental⁷³ por António Porto Soares Franco (1906-1968)⁷⁴, como aliás também foi constatado por Sofia Alexandra Pereira Esteves, que as documentou fotograficamente na sua dissertação de mestrado⁷⁵.

Numa das salas da ala direita, classificada por Joaquim Rasteiro como sendo uma “*casa superior do pavilhão norte da varanda*” que “*serviria de bufete como o indica uma pequena lareira, de marmore da Arrabida*” (Transcrição nossa)⁷⁶, ainda hoje se observa um silhar de azulejos com padrão de camélias azul e branco, datável da primeira metade do séc. XVII. Tendo em atenção que poderia efectivamente ser uma sala de refeições ou “Casa de Jantar”, como Bivar Guerra enuncia, tinha, à data do sequestro de bens, três mesas de angelim, vinte e quatro cadeiras inglesas e seis tamboretas, tudo praticamente novo⁷⁷.

CONCLUSÃO

Tendo por objectivo esclarecer alguns aspectos da evolução cronológica do Palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão, mais particularmente das opções arquitectónicas e decorativas (azulejos, estuques, pintura decorativa e obra de marcenaria) que tornaram esta morada de casas inigualável, a investigação apresentada procurou ainda relacionar algumas dessas escolhas com modelos similares, como por exemplo a Sala dos Tudescos, que sabemos só ter existido no Paço da Ribeira ou em Vila Viçosa.

Da observação do espaço e do cruzamento da leitura produzida com as fontes manuscritas, subtraímos a ideia deste edifício ter sido construído por partes, em épocas distintas, bem como a de, possivelmente, nunca ter sido concluído. O facto de apresentar escadas internas aparentemente interrompidas, bem como não reconhecermos, nem pela observação do local, nem por via das descrições de Joaquim

sobrados com seis cazas tem suas ágoas Frutadas (sic) repartidas em seis cazinhas: e todos os repartimentos, e as cazas são tabiques de fasquiados e uigadas asoalhadas e forradas; e somente, lhes ficarão as paredes da frontaria e lados e muralha que segurava a terra do Jardim e todas as madeiras se emcendiarão na ocasizão do terramoto (...)” (Transcrição nossa); cf. AHTC, *Junta da Inconfidência*, mç. 287, avulso.

⁷⁰ ADS, Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, *op. cit.*, fl. 27.

⁷¹ Idem, *ibidem*, fl. 32.

⁷² Idem, *ibidem*, fls. 32-33.

⁷³ SOUSA, Padre Manuel Frango de, *op. cit.*, pp. 35 e 36.

⁷⁴ Desempenhou diversos cargos ligados a Setúbal e Azeitão, tais como Presidente da União Vinícola da Região do Moscatel de Setúbal; Vogal da Junta de Província da Estremadura e Vereador da Câmara Municipal de Setúbal.

⁷⁵ ESTEVES, Sofia Alexandra Pereira, *op. cit.*, p. 79.

⁷⁶ ADS, Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, *op. cit.*, fl. 33.

⁷⁷ GUERRA, Luiz de Bivar, *op. cit.*, p. 343.

Rasteiro, um Salão por cima da Sala dos Tudescos, como seria espectável numa habitação desta escala, sustenta essa hipótese, ou a de então ter sido substancialmente transformado.

Quanto à sua decoração, que suscita imensas dúvidas, pela ausência de documentação sobre o para-deiro de alguns acervos que sabemos terem existido, parece ter sido particularmente erudita, a comprovar pelo conjunto azulejar que subsiste na extensa varanda, ou ainda pela pequena cascata, revestida de embrechados.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

ARQUIVO DISTRITAL DE SETÚBAL (ADS)

Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro 1876/1898, Azeitão – O Paço dos Aveiros em suas relações com a história, PT/ADSTB/PSS/JPAR/000001.

Registos Paroquiais de Azeitão, S. Lourenço, Baptismos, L.º 1589-1604.

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA (AML)

Livros de Cordeamentos, L.º de 1614-1618, fls. 16-17: Cordeamento de 19 de Dezembro de 1614 de D. Fernão Martins Mascarenhas para as casas (da banda do Mar) que quer construir em Belém.

ARQUIVO MUNICIPAL DE SETÚBAL (AMS)

Processos de obras particulares, NDef/1104/60.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (ANTT)

Memórias Paroquias de Azeitão, Sesimbra, Vol. 5, n.º 68.

ARQUIVO HISTÓRICO DO TRIBUNAL DE CONTAS (AHTC)

Junta da Inconfidência, Mçs. 88, 89, 90 e Mç. 287- Cadastro de Bens da Casa de Aveiro.

BIBLIOTECA DA AJUDA (BA)

54-XI-45, n.º 8.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA (BPE)

Gaveta 8, Pasta 1, n.º 3: Desenho de interior de palácio com Sala dos Tudescos.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DE SETÚBAL (CRPS)

Registo de Descrições Prediais, Livro B4, n.º 254, fl. 138 v.º.

GABINETE DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DA ENGENHARIA MILITAR / DIRECÇÃO DE INFRAESTRUTURAS DO EXÉRCITO (GEAEM/DIE)

3104_III-2A-25-35.

Estudos

- AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.
- BARREIROS, Maria Helena – “AVEIRO (Palácio dos Duques de)”, in SANTANA, Francisco; SUCENA, Francisco (dir), *Dicionário da história de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994, pp. 117-118.
- CALADO, Margarida – *Azeitão*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- CANEDO, Fernando de Castro da Silva – *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*, Volume I. Lisboa: Edições Gama Limitada, 1945.
- CARDIM, Pedro – “O subtexto do cerimonial. A dimensão simbólica da solenidade cortesã no Portugal do século XVII”, in *Struggle for Synthesis, A obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*, Vol. II. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1999, pp. 345-368.
- CARITA, Helder – *A Casa Senhorial em Portugal: modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Edições Leya, 2015.
- CARITA, Helder – *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*. Porto: Civilização Editores, 1983.
- Da Flandres. Os azulejos encomendados por D. Teodósio I, 5.º Duque de Bragança (c. 1510-1563)*. Lisboa / Vila Viçosa: MNAz, Fundação da Casa de Bragança, 2012.
- CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio – *Gabinete Historico*, Tomo VI e Tomo IX. Lisboa: Imprensa Nacional, 1820-1823.
- COSTA, António Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, Tomo III. Lisboa: Na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso, 1712.
- ESTEVES, Sofia Alexandra Pereira – *O Palácio dos Duques de Aveiro: Vila Nogueira de Azeitão*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à Universidade Lusófona, Lisboa, [s.n.], 2013.
- FERNANDES, Ana Margarida Ribeiro – *Projectar com o lugar: reabilitação no Palácio dos Duques de Aveiro*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Lisboa, [s.n.], 2013.
- GUERRA, Luiz de Bivar – *Inventário e sequestro da Casa de Aveiro em 1759*. Lisboa: Tribunal de Contas, 1952-1954
- GUILMARD, Désiré – *La Connaissance des styles de l'ornementation. Histoire de l'ornement et des arts qui s'y rattachent depuis l'ère chrétienne jusqu'à nos jours*. Paris: D. Guilmard, 1853.
- LAVANHA, João Baptista – *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II N. S. ao Reyno de Portvgal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez S. Magestade a mandou*. Madrid: Thomas Iunti, 1622.
- LOPES, Flávio – *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado, IPPAR*, Vol. III. Lisboa: IPPAR, 1993.
- MACEDO, Isabel Sousa de – “Património Esquecido: O Convento de Nossa Senhora da Piedade em Azeitão”, in AA.VV., *Casas Religiosas de Setúbal e Azeitão*. Setúbal: Estuário História / LASA, 2016, pp. 33-54.
- MATA, Cristóvão da – “Disciplina familiar e estratégias matrimoniais da Casa de Aveiro (séculos XVI e XVII)”, in *Revista Portuguesa de História*, n.º 47, 2016, pp. 175-194.
- NEVES, José Accursio das – *Noções historicas, economicas, e administrativas sobre a producção, e manufactura das Sedas em Portugal, e particularmente sobre a real fábrica do suburbio do Rato, e suas annexas*. Lisboa: Na Impressão Régia, 1827, pp. 131-132.
- Occidente*, n.º 176, 11-11-1883, p. 251.
- OLIVEIRA, Frei Nicolau de – *Livro das grandezas de Lisboa*. Lisboa: Vega, 1991.

- PIMENTEL, José Cortez – *Arrábida, História de uma região privilegiada*. Setúbal: Edições Inapa, 1992.
- PIMENTEL, José Cortez – “O Palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão. A primeira construção renascença pura em Portugal”, in *Jornal Azeitonense*, n.º 7, Maio de 1984.
- PIRES, Amílcar de Gil e – *A quinta de recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013.
- PIRES, Amílcar de Gil e (coord.) – “A Villa renascentista em Portugal – valorização ou destruição?”, in PIRES, Amílcar de Gil e – *A Villa renascentista em Portugal. Arquitectura, Jardins e Paisagem*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016, pp. 29-52.
- PORTELA, Manuel Maria – *Notícia dos monumentos nacionais e edifícios e lugares notáveis do concelho de Setúbal*. Lisboa: Typographia de Mattos Moreira & Cardosos, 1882.
- RASTEIRO, Joaquim Rasteiro – “Vila Nogueira [de Azeitão]”, in *Guia de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924, pp. 641-642.
- RIBEIRO, Gustavo Almeida – “Em Azeitão: O palácio dos Duques de Aveiro”, in *Casa & Jardim*, n.º 148, 1990, pp. 68-77.
- SERLIO, Sebastiano – *Livre extraordinaire de architecture... Extraordinario libro di architettura*. Lyon: Jean de Tournes, 1551.
- SIMÕES, J. M. dos Santos – *A Azulejaria em Portugal no Século XVII*, Tomo I – Tipologia, 2.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- SOUSA, D. António Caetano de – *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, Tomo XI. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, 1745.
- SOUSA, Fr. Luis de; CACEGAS, Fr. Luis – *Segunda Parte da Historia de S. Domingos*, Livro Quarto, Cap. IV. Lisboa: Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.
- SOUSA, Padre Manuel Frango de – “O palácio dos Duques de Aveiro”, in *Azeitão. A nossa terra*, n.º 10, de 30 de Dezembro de 1981; publ. por *Azeitão. A nossa terra* (compilação de textos). Azeitão: Jornal de Azeitão, 2013, pp. 35 e 36.

Internet

- “Palácio dos Duques de Aveiro – Azeitão”. Blog consultado em <http://www.azeitao.net/quintas/palacio.htm>, a 09.11.2017.
- “Palácio dos Duques de Aveiro”. Ficha da Direcção-Geral do Património Cultural, consultada em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74294/>, a 09.11.2017.
- “Palácio dos Duques de Aveiro”. Ficha de inventário SIPA, IPA.00003429, consultada em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3429, a 09.11.2017.